

coluna do broadcast

Nubank contrata bancos e quer valer US\$ 40 bi em IPO

Nubank contratou o grupo de bancos que vai assessorá-lo em sua abertura de capital na Nasdaq, bolsa de tecnologia dos Estados Unidos. Na primeira linha, estão nomes como os dos gigantes norte-americanos Morgan Stanley, Goldman Sachs e Citi. Os outros três estrangeiros, HSBC, Allen & Co e UBS, também foram selecionados. A esperança oferta inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) do banco digital brasileiro está prevista para ocorrer até o fim do ano. O Nubank busca ser avaliado na ordem de US\$ 40 bilhões. Nesse patamar, a instituição, comandada pelo colombiano David Vélez, superaria pesos pesados do setor financeiro brasileiro nos EUA como o Bradesco, que tem valuation de US\$ 39,9 bilhões, e a XP, de US\$ 27,7 bilhões.



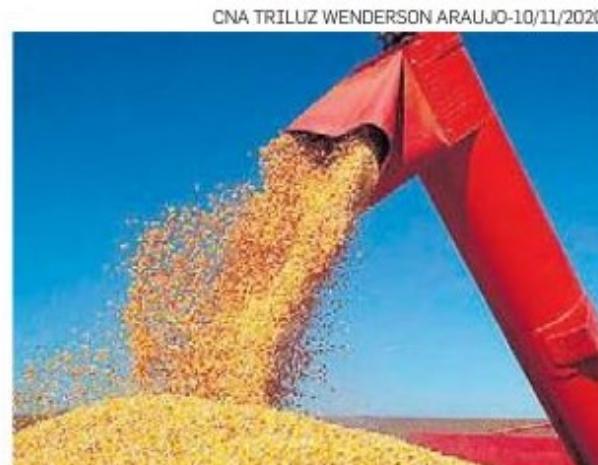
Termômetro. O Nubank já fez reuniões preliminares com investidores em Nova York, o chamado "testing the waters" no jargão de Wall Street, que é quando a empresa tenta avaliar o apetite do investidor por seu negócio. O resultado foi positivo, com gestores colocando a operação entre as mais esperadas do segundo semestre.

Primeira linha. A expectativa pelo IPO é tão alta quanto da startup americana Discord, aplicativo de voz sobre IP, que chegou a ser cobijada pela Microsoft, e da Stripe, de processamento de pagamentos, o unicórnio mais valioso da América.

No caminho. Na última captação, de US\$ 750 milhões e que atraiu a Berkshire Hathaway, de Warren Buffett, o Nubank já conseguiu ser avaliado em US\$ 30 bilhões. O Morgan Stanley deve atuar como líder do IPO. O banco já assessorou a fintech no primeiro contato com investidores do mundo tech, há dois meses. Procurado, o Nubank não comentou. Os bancos citados também não quiseram se manifestar.

Abaixo do Equador. Após não encontrar investidores suficientes para emplacar sua oferta inicial de

ações no atual ambiente de instabilidade, a exportadora de grãos AgriBrasil resolveu recolher a operação. O valor da ação da companhia, que pretendia movimentar pouco mais de R\$ 230 milhões na sua entrada na Bolsa, seria conhecido amanhã.



Efeito Brasília. A turbulência política, com o embate entre o presidente Bolsonaro e o poder judiciário, traz preocupação extra neste momento, marcado, ainda, pela indicação de alta no juro brasileiro.

Não deu. A estratégia da AgriBrasil era conseguir investidores junto a gestoras de recursos independentes menores e family offices. Assets maiores de fundos small caps também estavam entre os potenciais investidores. A intenção era ainda oferecer 40% das ações ao varejo. A oferta deve ser reestruturada.

Dois em um. Vento forte à noite, sol de dia e infraestrutura de escoamento da energia para a rede pronta têm feito mais empresas investirem em parques híbridos, que misturam geração eólica e solar. A Casa dos Ventos colocará R\$ 1 bilhão na expansão dos complexos Rio dos Ventos e Babilônia. Serão adicionados 400 megawatts (MW) médios.

Brisa. Com a expansão, os empreendimentos devem passar dos 1,5 gigawatts (GW) atuais para quase 2 GW de capacidade instalada. Rio dos Ventos já é considerado um dos maiores complexos eólicos do mundo, com capacidade para produzir mais de 1 GW de energia. Está sendo implantado no Rio Grande do Norte e sua primeira fase entrará em operação comercial neste ano. O Babilônia está previsto para começar a produção no início de 2023.

Variedade. A estratégia de venda da energia dos empreendimentos prevê oferecer parte da produção em contratos de longo prazo e manter 25% da geração para ser vendida no mercado de curto prazo pela área de comercialização da empresa.



Digitalizou. Após o recorde de locações no ano passado, o mercado de galpões logísticos segue com ritmo forte, mas não deve repetir o pico de 2020. Esse tipo de imóvel tem tido demanda crescente, sobretudo para funcionar como centro de distribuição do comércio eletrônico.

Aluga-se. Dados da consultoria imobiliária Newmark mostram que, em São Paulo, foram fechados contratos de locação equivalentes a 153 mil m² no segundo trimestre, totalizando 227 mil m² no semestre. Essa é a absorção líquida, já deduzidas as devoluções. O resultado representa 20% de todo o ano passado, quando o segmento disparou, chegando a 1,118 milhão m² comercializados.

Inquilina. O Magalu foi o principal cliente dos donos de galpões no semestre, com contratos que totalizaram 37,7 mil m². A varejista se tornou inquilina do Centro Logístico Osasco e do Business Park Jundiaí.

ALTAMIRO SILVA JUNIOR, ALINE BRONZATI, CYNTHIA DECLOEDT, WILIAN MIRON E CIRCE BONATELLI

Opinião

A política industrial para o novo mundo

FERNANDO VALENTE PIMENTEL

Apesar da crise fiscal agravada pelos recursos despendidos no enfrentamento da covid-19, seria importante preservar o financiamento de áreas cruciais para o aporte tecnológico e o fomento da indústria, na busca de soluções que viabilizem a reconstrução da economia. Nesse sentido, é preocupante observar a redução das verbas de universidades e instituições de pesquisa, como o Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo orçamento, em 2021, é o menor deste século (R\$ 1,21 bilhão, ante R\$ 2,35 bilhões em 2020), conforme se pode verificar no Sistema Integrado de Operações do Governo Federal.

Cabe refletir sobre essa questão, pois ciência e pesquisa constituem o alicerce da política industrial de que o Brasil precisa para retomar o crescimento e atender às transformações em curso. Entre essas mudanças, destaca-se o reposicionamento da indústria como epicentro da recuperação econômica e das disputas entre as nações mais ricas, que está migrando do setor financeiro e dos acordos de comércio para o chão de fábrica. Este, porém, é agora permeado por inteligência artificial, internet das coisas, impressão 3D, robotização e o conceito de ESG (do inglês Environmental, Social and Governance, ou Meio Ambiente, Social e Governança Corporativa). Ou seja, alta tecnologia e responsabilidade socioambiental são suas marcas.

Assim, não convém mais ao nosso país políticas industriais como as que se verificaram nas últimas quatro décadas, muito mais adotadas como medidas compensatórias ao péssimo ambiente de negócios que tivemos nesse período e continuamos a enfrentar, com elevados impostos, ondas de juros altos e falta de crédito, câmbio oscilante e desequilibrado, insegurança jurídica e todos os conhecidos componentes do "custo Brasil". O resultado é visível no crescimento de apenas 0,3% por ano, em média, de 2011 a 2020. Empobrecemos em valores absolutos e, mais ainda, na proporção relativa à expansão demográfica.

Precisamos de uma política industrial, com planejamento e previsibilidade, ancorada em P&D e que contemple linhas especiais de crédito, incentivos à produção conforme voca-

ções regionais e mercadológicas e regime tributário incentivador aos investimentos voltados para a inovação, incluindo os bens de capital. Cumpra ao governo, em parceria com o setor privado, o fomento de pesquisa e ciência nas universidades e institutos públicos, remover obstáculos burocráticos e promover incentivos nas áreas em que haja vantagens competitivas ou interesse estratégico. Por outro lado, é essencial realizar as reformas estruturantes, principalmente a tributária e a administrativa, para que tenhamos um ambiente de negócios melhor.

Verdade que o termo política industrial, pelos motivos já apontados, está desgastado. Mas precisamos revigorá-lo em termos práticos, com a adoção de um programa consistente de fomento do setor, já em linha com as novas tecnologias, sustentabilidade, foco no meio ambiente, na inclusão socioeconômica e na digitalização da economia, acelerada pela covid-19.

Nosso país é protagonista de grandes realizações, que atestam seu po-

É preciso revigorá-la, já em linha com a alta tecnologia e a responsabilidade socioambiental

tencial, como a Embraer, o ProÁlcool, o carro flex e uma política agrícola notável, de destaque global. Agora, não podemos perder as oportunidades que se abrem para as nações que souberem reposicionar suas indústrias no cenário das fulminantes transformações em curso. Trata-se da chamada Manufatura Avançada, cujos ícones, como anteriormente dito, são a tecnologia de ponta e o ESG. Cada setor, independentemente do governo, deve também buscar avançar nessa direção, como tem feito a indústria têxtil e de confecção, que promove planejamento estratégico intitulado Têxtil 2030, em linha com os Objetivos de Desenvolvimento (ODS).

Sem mais adiantamentos, o Brasil precisa de uma política industrial eficaz, assim como do dinamismo de todos os setores de atividades, para garantir a retomada do crescimento e um lugar entre os protagonistas da nova economia da Terra.

\* PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO (ABIT)

Editorial Econômico

Oportunidades no mercado energético global



As justas pressões contra o desgoverno federal na área ambiental não deveriam eclipsar as conquistas do País no campo do desenvolvimento sustentável. Segundo um estudo comparado do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

(Ipea) sobre energias renováveis no Brics, o Brasil lidera com folga o processo de transição energética no bloco.

O grupo de cinco países emergentes pode parecer demasiado circunstanciado numa perspectiva global. Mas ele responde por 41,4% da população do planeta, quase um quarto do PIB e mais de um terço do consumo e produção de energia. A China é o maior mercado de energia do mundo e há décadas tem sido a grande propulsora da demanda mundial. Nas próximas décadas, a Índia deve assumir essa posição.

Mas o percentual de energia fóssil no

bloco é elevado. Nas matrizes da China e da Índia, é de respectivamente 87% e 92%; na Rússia, de 94%; e na África do Sul, de 97%.

Já no Brasil, 45% da energia já vem de fontes renováveis. Historicamente, isso se deve às políticas voltadas para a energia hidrelétrica. Mas nos últimos anos a diversificação vem se acelerando. Hoje, 7% da matriz brasileira é composta por biocombustíveis; 4,5%, por fontes eólicas e solares; e 4%, por biomassa.

O choque da pandemia deve reforçar tendências mais sustentáveis, criando oportunidades para as economias emer-

gentes. Ainda que tardiamente em relação aos países da OCDE, os Brics têm se engajado no esforço de reduzir emissões. O tema é cada vez mais recorrente nas suas reuniões de cúpula.

Há inúmeras possibilidades de cooperação no comércio de energia e equipamentos de tecnologia, investimentos, financiamento e pesquisas. Cada um desses aspectos representa uma janela de oportunidades para o Brasil.

A cooperação financeira avançou a partir da estruturação do Novo Banco de Desenvolvimento do Brics, com boa parte dos recursos orientada para proje-

tos em energia. A cooperação em pesquisa conta com plataformas desenvolvidas e novas tecnologias disruptivas, como o uso de hidrogênio. O gás natural pode ser um passo importante para a descarbonização dos Brics. Nesse sentido, o Novo Marco do Gás abre ainda mais possibilidades para o Brasil.

O irremediável antiambientalismo do presidente Jair Bolsonaro é um entrave. Mas este governo passará. As oportunidades permanecerão. Seja pelos ganhos econômicos, ambientais ou geopolíticos, o País não pode desperdiçá-las.

broadcast mercados

IBOVESPA: 123.019,38 PONTOS | DIA 0,17 (%) | MÊS 1,00 (%) | ANO 3,36 (%)

Maiores altas do Ibovespa

Table with columns: ticker, RS, Var. %, Neg. Includes MINERVA ON NM, BTOP BANCO UNIT EJ, SUZANO S.A. ON NM.

Maiores baixas do Ibovespa

Table with columns: ticker, RS, Var. %, Neg. Includes JHSF PART ON NM, ELETROBRAS ON, LOJAS AMERICPN.

TR/TBF/Poupança/Poupança Selic (%)

Table with columns: term, 4/8 a 4/8, 5/8 a 5/8, 6/8 a 6/8.

FUNDOS

Renda Fixa Dur. Baixa Grau Invest.

Table with columns: ticker, Mês (%), Dia (%), Ano, PL (R\$ MILHÕES), COTA (R\$).

No mundo

Table with columns: index, Pontos, Dia, Mês, Ano. Includes Nova York DJIA, Frankfurt - DAX, Londres - FTSE, Tóquio - NIKKEI.

Tesouro Direto (\*)

Table with columns: ticker, vencimento, ano, RS. Includes Tesouro IPCA, Com Juros Semestrais, Tesouro Prefixado.

Tesouro Selic

Table with columns: vencimento, ano, RS. Includes Tesouro Selic.

Inflação (%)

Table with columns: index, Junho, Julho, No ano, 12 Meses. Includes INPC (IBGE), IGP-M (FGV), IGP-DI (FGV), IPCA (IBGE), IPCA (Sindicato), CUB (Sindicato), FIPEZAP-SP (FIPE).

Índices de reajuste do aluguel (Agosto)

Table with columns: index, IGP-M (FGV), IGP-DI (FGV), IPCA (IBGE), ICV-DIEESE.

Fatores de reajuste para contratos de aluguel

Table with columns: index, Fator, Valor. Includes Fator de reajuste para contratos de aluguel.

INSS - Competência (Agosto)

Table with columns: data, taxa ano, taxa dia, mês, ano. Includes INSS - Competência (Agosto).

CDB - CDI

Table with columns: data, taxa ano, taxa dia, mês, ano. Includes CDB (22/30), CDI.

Agrícolas - Mercado Futuro

Table with columns: ticker, venc.,aju.,c.abe.,min.,max.,var.%. Includes Açúcar NY, Café NY, Soja CBOT, Milho CBOT.

Agrícolas - Mercado Físico

Table with columns: ticker, ult., var. (%), var. 1 ano (%). Includes Soja, Bole, Milho, Café.

Moedas e Commodities

Table with columns: ticker, venda, dia, mês, ano. Includes Dólar Comercial, Dólar Turismo, Euro, Ouro, WTI US\$/barrel, Brent US\$/barrel.

Multimer. Juros e Moedas.

Table with columns: ticker, Mês (%), Dia (%), Ano, PL (R\$ MILHÕES), COTA (R\$).

Multimer. Juros e Moedas.

Table with columns: ticker, Mês (%), Dia (%), Ano, PL (R\$ MILHÕES), COTA (R\$).